
**ENTREVISTA COM A AUTORA,
ILUSTRADORA E TRADUTORA LÚCIA HIRATSUKA**
Interview with the author, illustrator and translator Lúcia Hiratsuka

Rosa Maria Cuba Riche¹

Nesta entrevista, busca-se conhecer o trabalho de Lúcia Hiratsuka como autora/ ilustradora e tradutora eventual, como prefere se apresentar, especialmente no que se refere aos seus livros para crianças e jovens. Sua formação, suas experiências, histórias de vida e de leituras que influenciaram e ainda influenciam o seu processo criador complementam sua trajetória profissional.

A escolha da autora para esta entrevista deve-se à sua importância no cenário da Literatura Infantil e Juvenil das últimas décadas, à crítica especializada que reconheceu a qualidade de sua obra e lhe conferiu prêmios e à sua atuação na área, participando de Salões de Livros para crianças e Jovens, feiras internacionais e eventos de promoção da leitura. Para conhecer melhor sua obra, os títulos da autora e os prêmios recebidos estão elencados no final desta entrevista.

Da menina que rabiscava com o carvão retirado do fogão à lenha no sítio em Duartina, no interior de São Paulo onde viveu até os 16 anos com os pais e avós, passando por São Paulo, para onde se mudou para estudar desenho, graduando-se em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, até a maturidade como ilustradora, que se confirmou com os diversos prêmios conquistados por suas obras, um longo caminho foi trilhado. Foi na Faculdade de Belas Artes, que estabeleceu o primeiro contato com o ensino da arte. Depois de formada, descobriu a possibilidade de ir para a área de ilustração. Participou ainda de Salões de Pintura e conquistou alguns prêmios, mas gostava mesmo era de narrativas, do objeto livro, das cenas em seqüência, do universo que se abre a partir desse espaço.

Em 1988, recebeu uma bolsa de estudos para a Universidade de Educação de Fukuoka no Japão. Escolheu como tema de pesquisa, o *ehon*, ou

¹ Doutora em Letras – Teoria da Literatura e Mestre em Letras – Literatura Brasileira pela UFRJ. Professora Associada do Instituto de Aplicação da UERJ. Contato: rosacubariche@gmail.com.

seja, o livro ilustrado. Lá, fez uma exposição bem-sucedida de desenhos com cenas de feira, festa junina, personagens do folclore e paisagens brasileiras. Retornou depois de um ano e começou a recontar e ilustrar os contos e as lendas japonesas que ouvia quando criança. As composições japonesas da infância serviram também de fonte de inspiração. Estudou a técnica do *sumiê* que aparece aqui e ali nos seus trabalhos.

Segundo Hiratsuka, o quintal onde brincou e teve os primeiros bichos, tanto verdadeiros, quanto imaginários, ficou na memória como *furusato*. Aprendeu com a avó que *furusato* é onde a gente nasce, mas também é o lugar aonde vamos, em pensamento, quando estamos tristes ou felizes. Hoje tenta recriá-lo, com desenhos e palavras. *Asahi* cujo significado é “sol da manhã” e era o nome do sítio do pai em Duartina — para ela, o fim e o começo do mundo (HIRATSUKA, 2019).

1) Texto e ilustração. Quem vem primeiro? Ou, quando você escreve o texto, já vislumbra a ilustração? Como se dá o processo?

Quando escrevo, em geral, visualizo imagens. São imagens em movimento, puxo um diálogo ou imagino as ações das personagens, como em cena de filme... Mas na hora de ilustrar, a arte final pode ser bem diferente da cena que visualizei no início. Quando a narrativa estiver mais estruturada, também começo a pensar se será um Livro Ilustrado, ou será um livro com mais texto, vou amadurecendo a melhor forma de contar uma história. Uso materiais diversos, de acordo com a essência da ideia, ou seja, a alma da história. Em *Terra costurada com água*, misturei grafite, que traz uma textura de terra, e aquarela, que dá a fluidez, a transparência. E também tinta acrílica para dar mais densidade, como por exemplo ao pintar os objetos de barro.

2) Em *Terra costurada com água*, há um resgate de elementos primitivos (terra, água), do fazer com as mãos, daquela experiência que se perdeu com a era da reprodutibilidade técnica (de que nos fala Walter Benjamin), do brincar no quintal, do criar.

Nasci num sítio, uma parte das minhas brincadeiras foi com coisas da roça: folhas, sementes, pedras, sabugo de milho, água de chuva, terra, barro... A descoberta do barro foi marcante, pois não se comprava tantos brinquedos. E imagina poder moldar, criar objetos? Potes, vasos, bonecos, tantas possibilidades, fiquei fascinada com o barro. Para criar uma narrativa, me conecto com a lembrança das emoções, das sensações, as dúvidas, as muitas perguntas que eu fazia: “Por que nasci aqui? O que será a vida? O que vou fazer quando crescer?” E tudo isso me motiva a criar histórias! E lembro sempre que é uma ficção, mesmo que inspirado em fatos reais.

3) Segundo a autora/ilustradora Mariana Massarani, “ Toda história tem uma cor”. Rui de Oliveira, também autor e ilustrador, chama de “A cor regente”. E para você?

Hoje em dia, visualizo o livro com uma paleta de cores e uma cor predominante. Tem livros que vão trazer a cor da terra, ou um fundo branco, mas se funciona ou não é na hora experimentar no papel, rabiscando, testando. No livro *O guardião da bola*, montei o primeiro boneco² (boneca) bem colorido. Depois de um tempo, percebi que a essência da história não estava ainda madura. Repensei, decidi por uma paleta mais reduzida, pinte num papel que lembra terra/areia. Pensei “agora sim, capturei a alma da história”. Às vezes vou por um caminho e não consigo, pode ser por minha imaturidade, algum apego, diversas causas. E, aí, o melhor é deixar o boneco, ou o texto, na gaveta, descansando. No caso de *Orie*, um dia pensei “essa história é de terra, mais do que de água”. Falava da terra natal, do colo da mãe, das águas que embalam um barco balaio, um rito de passagem. Isso justificou a escolha do papel *craft*, levemente rústico e com cor de terra. Há histórias que nos desafiam mais, que ficam aguardando a nossa maturidade, em todos os sentidos.

4) Como se dá o jogo de luz e sombras? Em *Terra costurada com água*, esse jogo se dá no espaço externo (do prazer, do brincar?). E também no interno, da edícula? Interessante que você usou edícula, um termo pouco usado, principalmente em um livro para crianças.

Eu alterno bastante o espaço externo e o interno. Tem hora que o interno é de introspeção. Mas tem livros em que é uma forma de mostrar uma diversidade de espaços, quando a história assim permitir. Sinto como se estivesse brincando com uma máquina de filmar. No interior de São Paulo, há termos muito usados como: edícula, bernal, búrica (bolinha de gude). Meu pai usava a palavra edícula.

5) O seu traço carrega uma influência das suas origens?

Os livros e as revistas japonesas que havia em casa, quando eu era criança, com certeza me influenciaram. E também quero citar uma autora japonesa, Chihiro Iwasaki (1918-1974). Quando comecei meu caminho como ilustradora, li algumas entrevistas dela e olhei suas ilustrações em aquarela ou grafite. Sempre me fascinou a forma como ela representou a infância. E a grande influência no meu trabalho foi o *SUMIÊ*, a arte que, pelas pinceladas,

² O boneco é uma prova impressa do seu arquivo, simulando, de forma aproximada, como ele deve ficar em seu formato final (ou seja, impresso).

tentamos representar a essência do que nos emociona: um capim? Um pássaro? Um peixe? Iniciamos o aprendizado com bambu. Aprendi com mestre Massao Okinaka (1913-2000), que introduziu essa arte no Brasil. Livros que illustrei em *sumiê* foram: *As cores dos pássaros*, *Chão de Peixes e Momotaro*. Em outros livros, usei apenas algumas pinceladas do *sumiê*, ou a simplicidade, ou o espaço vazio. A tinta *sumi* é de fuligem vegetal, à base de água. No *sumiê* tradicional, usamos apenas o preto, com todas as suas variações.

6) Você participa do projeto gráfico? Do corte das cenas da narrativa, por exemplo?

Ao distribuir o texto e o desenho, penso no espaço como um todo... Posso destacar uma frase e jogar em folha dupla, ou suspender uma frase que será completada depois da pausa do folhear. Existem muitas possibilidades. Dou bastante importância ao fluxo do livro ilustrado: o corte das cenas, planos próximos, planos distantes, a pausa, entrada e saída das personagens, são partes da narrativa, criando um ritmo. O formato (parte do projeto gráfico) influi na essência da história que está sendo contada. Se for um formato alongado, como em *O caminhão*, ou *Na janela do trem*, o leitor abre o livro e lê um espaço amplo na horizontal; se for um formato vertical, terá outra leitura. O projeto gráfico costuma ser uma parceria com o editor, em geral definimos juntos. Ou também posso buscar uma parceria com uma designer. E existem ilustradores com formação em design gráfico. Nem sempre pode-se optar pelo papel, posso sugerir. Quando faz parte da ideia do projeto, o autor deve defender um determinado papel. O papel *Offset* caiu bem para *Terra costurada com água*, pelo toque de algodão, mais opaco. Em *Histórias guardadas pelo rio*, a escolha foi pelo papel pólen, textura delicada e um leve amarelado, que traz a sensação de acolhimento.

7) A quarta capa de *Terra costurada com água* é também ficção? Houve realmente um resgate via ficção? Há um tom saudosista.

Na coleção *Histórias do quintal*, à qual pertence o livro *Terra Costurada com água*, junto da editora, optamos por escrever a 4ª capa partindo da memória. O conto é uma ficção, mas surgiu das lembranças de brincadeiras com o barro e de uma garota chamada Tuti, que veio morar na vizinhança. Na minha memória, o cabelo dela era de um avermelhado intenso. Talvez, na realidade, não fosse tanto. Mas ela era bem diferente de mim e creio que guardei a imagem dessa menina com um certo espanto.

8) De que forma a leitura colaborou para você ser quem você é?

Minha mãe lia para nós, minha avó cantava cantigas japonesas, que

nos integravam à natureza. E os livros e revistas do Japão traziam clássicos adaptados para crianças (como *Oliver Twist*, *Os miseráveis* etc), contos populares, narrativas em capítulos, quadrinhos, muita diversidade. Quando me mudei para a cidade, aos 10 anos, consegui alguns livros da coleção *Vaga-lume*, e, na biblioteca Municipal de Duartina, lembro de ter procurado por lendas do Brasil. Depois de adulta, tentei priorizar a leitura em português. Gosto de ler autores diversos, vários gêneros, e lembro que fiquei fascinada com as personagens e os diálogos no livro da Lygia Bojunga.

9) Quando você se sentiu ilustradora/ autora?

Por conta dos livros ilustrados, que vinham do Japão, o desenho esteve sempre presente. Se não conseguisse trabalhar com desenho no Brasil, achava que iria para o Japão. Depois da Faculdade de Belas Artes de São Paulo, conheci a Eva Furnari e outros autores. Ganhei uma bolsa para o Japão (1988 a 1989), e voltei com uma ideia firme de publicar as lendas japonesas. Saí do banco em que trabalhava em 1991 e um tempo depois lancei a coleção *Contos e lendas do Japão* (editora Estação Liberdade). Segui ilustrando para algumas editoras, inclusive livros didáticos e aos poucos escrevia, participava de oficinas, e aulas na área de letras USP, como aluna especial. Na oficina de escrita, o professor nos desafiava com situações do cotidiano, conflitos que podem acontecer a qualquer momento, com qualquer pessoa. Qual seria o seu comportamento numa situação constrangedora ou numa outra situação que envolvesse um certo sentimento? E sinto que trabalhei bastante as nuances das personagens, o que me ajudou na hora de escrever os contos. Meus projetos autorais foram publicados devagar e venho seguindo nesse caminho que é a minha paixão.

10) Fale um pouco sobre a experiência com traduções?

Por volta de 2005 a 2006, participei de um curso de “Análise, criação e tradução de poesia”, ministrado pelo professor Marcelo Tápia, na Casa das Rosas. Uma experiência incrível, traduzi alguns haicais, poemas de Kaneko Misuzu (1903 -1930), contos de Kenji Miyazawa (1896-1933). Especialmente nos poemas, o desafio maior era buscar a sonoridade numa outra língua e manter o sentido. Essa experiência resultou na publicação de *O violoncelista* (SM), de Kenji Miyazawa e *Yamanashi*, também de Kenji Miyazawa (Revista *Carta Educação*). Depois, a pedido da editora Pequena Zahar, traduzi *Lina e o Balão*, de Komako Sakai. Pretendo publicar outras traduções: livros ilustrados, alguns haicais, contos que me emocionam, cantigas que ouvia quando criança, porém não me considero uma tradutora. Os exercícios de traduções se refletiram na minha escrita.

11) Qual é a importância de receber o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em duas categorias, Ilustração por *Chão de Peixes*, e Juvenil por *Histórias guardadas pelo rio*, em um mesmo ano, 2019? Fale um pouco das suas expectativas e das suas emoções.

O Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro chega a sua 61ª edição e é um dos mais prestigiados. Ficar entre os finalistas, já considero um prêmio. Nem imaginei receber 2 Jabutis, realmente uma surpresa. E também uma responsabilidade, pois representamos a literatura infantojuvenil. Sinto uma gratidão imensa pelas pessoas que, quando comecei, já estavam nesse caminho, e que me orientaram com generosidade e me inspiraram demais. A minha expectativa é continuar criando, sem cair na tentação de publicar quantidade. Quero cuidar de cada história (que vai crescendo devagar) com carinho. Novos desafios são bem-vindos. E uma parte do tempo será para as oficinas, cursos, conversas, compartilhar um pouco do que venho aprendendo, uma forma de estar com pessoas que guardam a mesma paixão pela arte e pelos livros.

12) Gostaria de acrescentar algo para finalizar?

Um bom Livro Ilustrado sem dúvida instiga a leitura das palavras, mas lemos também imagens e o objeto livro em si. Nem sempre as imagens facilitam a leitura. Alguns desafiam ainda mais o leitor. Podemos trabalhar com várias linguagens. No Japão, o Livro Ilustrado é conhecido como *Ehon* (*e* = imagem, desenho; *hon* = livro).

TÍTULOS PUBLICADOS

1985 – *Uma Amiguinha Muito Especial* (Paulinas)

1988 – *Um chá na casa da dona Lalá, De quem são as pegadas?, Um passeio diferente, As surpresas da vovó*. (livros paradidáticos, Scipione)

1993 – *Contos e Lendas do Japão*, coleção com 6 títulos – *Urashima Taro, Kaguya Hime, O pássaro do poente; O noivo da Ratinha, Issum Boshi, O abanador mágico do Tengu* – Parceria com Lúcia Pimentel Góes (Estação Liberdade)

1995 – *Contos e Lendas do Japão II* – coleção com 3 títulos – *Momotaro* (parceria com Lúcia P. Góes), *Hatikazuki e Tanabata* (Estação Liberdade) Prêmio APCA/1995; selo Altamente Recomendável FNLIJ 1995.

1998 – Relançamento de *Kaguya Hime e Issum Boshi* (Callis)

1999 – *Um rio de muitas cores* (Studio Nobel) – Publicado no Equador em 2001.

2000 – Relançamento de *Urashima Taro* (Global)

2004 – *Lin e o outro lado do bambuzal* (SM)

2005 – *Contos da Montanha* (SM). Prêmio JABUTI 2006, 3º lugar, Ilustração; selo Altamente Recomendável FNLIJ 2005, Reconto.

2007 – *Histórias de Mukashi* (Elementar)

2007 – *Histórias Tecidas em Seda* (Cortez). Prêmio FNLIJ 2008, Melhor Livro Reconto.

2008 – *Festa no Céu/Festa no mar* (DCL)

2008 – *Os Livros de Sayuri* (SM) * Traduzido e publicado em Francês. Prêmio Literário Nikkey 2009, 2º lugar.

2009 – *O violoncelista* – tradução do conto de Kenji Miyazawa (SM). Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2009, Tradução/Adaptação.

2010 – *Muli* – (DCL)

2010 – *Corrida dos caracóis* (Global). Traduzido e publicado na Itália.

2011 – *O noivo da ratinha* (Larousse) – Relançamento do reconto *O casamento da Ratinha, com novo texto e novas ilustrações*.

2011 – *Antes da chuva* (Global). Selo Altamente Recomendável FNIJ 2012, Criança. Traduzido e publicado na Itália.

2011 – *A Visita* (DCL). Prêmio JABUTI 2012, ilustração/2º lugar, Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2012, Imagem.

2011– *O Ogro e as galinhas; Ladrão de ovos* (Coleção Histórias do Quintal – SM)

2012 – *Issum Boshi, o pequeno samurai* (Abacate) – Relançamento do reconto, com novo texto e novas ilustrações.

2013 – *Tantos Cantos* (DCL). Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2014, Criança.

2013 – *Na janela do trem* (Cortez). Traduzido para coreano e árabe.

2014 – *Terra costurada com água* (SM). Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2015, Criança.

2014 – *A venda* (Global)

2014 – *Orie* (Pequena Zahar). Prêmio FNLIJ 2015, Melhor para Crianças; selecionado para catálogo White Ravens 2015 (Biblioteca de Munique); indicado para a Lista de Honra IBBY 2016, Escritor; finalista do JABUTI 2015. Consta da lista de 30 melhores livros da Revista Crescer; Troféu Monteiro Lobato 2015 da Revista Crescer, como autor destaque do ano.

2015 – *O guardião da bola* (Moderna). Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2016; consta dos 30 melhores livros Revista Crescer 2016.

2016 – *As Cores dos Pássaros* (Rovelle) Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2016, consta da lista da Revista Crescer 2016; Selo Distinção Cátedra Unesco PUC- Rio 2016, Finalista do JABUTI 2016. Traduzido e publicado na Itália.

2017 – *O Caminhão* (Cortez). Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2018,

consta da lista da Revista Crescer 2018.

2018 – *Chão de Peixes* (Pequena Zahar). Prêmio da Biblioteca Nacional 2018 – categoria Literatura Infantil; Selo Distinção Cátedra 2018; consta da lista da Revista Crescer 2019, Prêmio FNLIJ 2019, categoria Poesia; finalista do JABUTI 2019.

2018 – *Momotaro* (Edelbra). Relançamento com novo texto e novas ilustrações.

2018 – *Histórias guardadas pelo rio* (SM). Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2019, categoria Juvenil; finalista do JABUTI 2019, Juvenil.

REFERÊNCIAS

HIRATSUKA, Lúcia. *Apresentação*. Disponível em: <<http://www.luciahiratsuka.com.br/index.html>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MASSARANI, Mariana. *Entrevista por telefone concedida à autora deste artigo*. Rio de Janeiro, 10 dezembro de 2018.

OLIVEIRA, Rui de. *A arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Palestra proferida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, agosto de 2019.

O que é um boneco? Como fazer um boneco? Disponível em: <<https://www.printi.com.br/montagem-do-arquivo/o-que-e-um-boneco-como-fazer-um-boneco>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

Para mais informações sobre a obra da autora, acessar:
<<http://www.luciahiratsuka.com.br/index.html> e/ou

<http://luciahiratsuka.blogspot.com>>

Instagram: @lucia.hiratsuka